NOTAS E TRANSCRIÇÕES

CRÔNICA DE UM TRECHO DA CIDADE

MOZART SORIANO ADERALDO

I

Ao apreciado cronista de Fortaleza que foi João Nogueira devemos primorosa página sôbre a antiga rua Formosa, hoje Barão do Rio Branco.

Mas o sentimental paisagista de nossos costumes deteve-se principalmente no trecho compreendido entre a orla marítima (praia Formosa) e a antiga rua das Trincheiras, hoje Liberato Barroso. A descrição do trecho que se segue a essa última artéria está por demais sintética, para não dizer omissa. E se explica a deficiência: zona recente para êle, inexistiam tradições a registrar.

Para mim, que passei quase tôda a infância e adolescência a *afundar* as pedras irregulares de seu calçamento e os tijolos ou cimento de seus passeios, o aludido trecho de rua como que me fala, hoje, envôlto na névoa da saudade. Por isso sempre alimentei o desejo de acrescentar algo ao que dêle disse João Nogueira. Comecemos a tarefa, mas por etapas, como o aconselha a prudência.

*
* *

Vindo de minha cidade natal para Fortaleza nos princípios de 1921, fui, primeiramente, residir em casa do *Boulevard* Duque de Caxias (àquela época ainda nos deixávamos influenciar pelo que era francês, como hoje tudo nos é ditado pelos Estados Unidos...), vizinho à bondosíssima D. Abrília Rocha, mãe do farmacêutico João da Rocha Moreira, vulto importante do rabelismo, emigrado para o Re-

cife com a vitória da sedição de Juàzeiro. Um pouco mais aquém, a casa da viúva do Dr. Samuel Uchôa, cujos ilustres descendentes — Samuel Filho, Raul e Antônio — seriam conhecidos e respeitados pelo valor e finura de trato, a exemplo de suas prendadas irmãs. Em frente, os famosos "quartos do Sampaio".

Ali, porém, só demorei três anos. Em princípios de 1924 mudei-me para casa sita à rua Barão do Rio Branco, ao tempo ainda conhecida pelo povo simples como rua Formosa, casa esta que era térrea e de porta e janela (duas portas, como se dizia e ainda diz), pertencente ao milionário Otávio Filomeno, localizada entre as ruas de São Bernardo (atual Pedro Pereira) e Pedro I, lado da sombra, antiga 328 e depois 1.378, quando o Prefeito Raimundo Girão resolveu, em boa hora, substituir a velha numeração, baseada nos prédios, pela que toma em consideração a metragem. Ali meus pais passaram nada menos de 15 anos, mudando-se, então, para uma casa em frente, térrea, com três janelas para a rua e jardim ao lado, guarnecido de grades e portão largo de ferro, de propriedade do exportador Domingos de Melo. Nesta, minha família estêve menos tempo — apenas três anos; mas, como habitantes do quarteirão demoramos cêrca de 18 anos. Uma existência, para aquela quadra de minha vida! Esta a razão segunda da descrição agora iniciada.

Acresce que, rememorando em rápidas palavras alguns fatos ocorridos, nesse trecho de rua, recebi do Professor Correia de Araújo, meu querido colega de magistério, o maior estímulo para minudenciá-los em trabalho escrito. Posteriormente, um colega de infância e do Instituto do Ceará, o Dr. Manuel Albano Amora, encorajou-me a realizar a emprêsa, auxiliando-me ainda com preciosas informações que me haviam escapado da memória. Esta a terceira razão da feitura dêste trabalho, cujos méritos a mim não pertencem, òbviamente, mas àqueles, a quem os endereço.

*
* *

Falando do quarteirão compreendido entre as ruas Liberato Barroso e Pedro Pereira, lado da sombra, apenas registrou João Nogueira o seguinte:

"HOTEL ASTÓRIA". No antigo sobrado hoje reformado onde morava o negociante português João Antônio do Amaral, com loja de ferragens no andar térreo.

"Nº 1.172. Centro dos Retalhistas. Sobrado onde morava o Dr. Manuel Moreira da Rocha.

"Nº 1.200. Tribunal da Relação.

"Prédios ns. 1.244 e 1.252.

"Nº 1.260. Movelaria de A. Albuquerque Martins, incendiada aos 8 de outubro de 1938".

Só.

Vejamos o que me será possível hoje (dezembro de 1958), acrescentar ao trabalho do cronista da cidade.

Nº 1.140 — Sobrado atualmente reformado, com duas portas para a rua Barão do Rio Branco e diversas para a rua Liberato Barroso, onde se acha instalado, nos altos, o "Astória Hotel", e nos baixos, secção da esquina, até há pouco tempo, o restaurante do mesmo hotel, franqueado ao público em geral, e atualmente a mercearia "Casa Astória". O restante dos baixos (frente para a rua Liberato Barroso) aloja pequenas casas de comércio, como charutaria (s.n.), relojoarias (nos. 165, 183 e 197), esta última pertencente a um antigo companheiro meu da praça do Carmo, nos idos de mil novecentos e trinta e poucos, o Pedro), bar (n. 175), alfaiataria (n. 179), barbearia (n. 187), dentista (n. 193), fotografia (n. 203), loja de fazendas (n. 207), loja de molduras (n. 213), armazém de gêneros (n. 217) e mercearia (n. 221).

Ao tempo em que eu morava nesse trecho da cidade, os baixos eram ocupados pela Casa Sínger, onde a genitora de Djacir Menezes ministrava aulas de corte e costura. Os altos abrigavam a família do Dr. Artur Chagas, conhecido dentista, cuja filha Olívia, mais tarde, seria minha colega no Liceu e na Faculdade de Direito. Até a reforma para a instalação do "Astória Hotel" residiu ali o Dr. Artur Chagas. Os baixos, com a mudança da Casa Sínger, foram ocupados depois pela Casa Joana d'Arc, de membros da família Leitão.

Nº 1.146 — Casa térrea de três portas, em duas das quais hoje se abriga a Movelaria Confiança, enquanto a terceira é ocupada pela Ourivesaria Bandeira, tradicional estabelecimento do gênero, que tem peregrinado por vários prédios da cidade.

Ao meu tempo, residência de João Bôto, depois meus vizinhos de frente, ocupando a casa de Domingos de Melo, que posteriormente minha família alugou também. Sucedeu à de João Bôto, a família de Felipe Santiago, que igualmente se mudou, depois, para outra casa do mesmo quarteirão.

Nº 1.152 — Casa térrea de quatro portas, até há pouco servindo à Assistência Médica do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários e hoje fechada.

No meu tempo, habitada pelo Dr. Francisco de Menezes Pimentel, velho educador do Estado e, depois, Governador e Interventor Federal. Seu filho Jurandir era companheiro meu de brincadeiras.

Construindo o Dr. Pimentel sua bela residência da avenida do Imperador, a casa em que morava na rua Barão do Rio Branco foi posteriormente alugada e adquirida por Olavo Falcão, hoje no Rio de Janeiro.

Muito antes de nela residir o Dr. Pimentel, era seu morador o Desembargador José Gomes da Frota, pai do Dr. José Frota, conceituado clínico conterrâneo e sogro do Dr. Manuel Albano Amora.

Nº 1.156 — Sobradinho de duas portas, recém-reformado e até há pouco tempo ocupado pela casa de negócios do português Gustavo Silva, hoje abrigando uma loja de labirintos e roupas de senhoras.

Ao meu tempo, nêle se achava instalado o atelier de Ribeiro e Martins, o primeiro dos quais afamado fotógrafo em plena função, após poucos anos de inatividade.

Depois, transformou-se em "república", um de cujos "republicanos" era o Dr. Silveira Carvalho, ilustre juiz conterrâneo.

Nº 1.162 — Casa térrea de três portas. Até há pouco ainda residência, como no meu tempo de criança, das Domingues (D. Laura e irmãs), tias maternas dos Drs. Samuel Filho, Raul e Antônio Uchôa, companheiras de minha mão e minha tia na peregrinação trimestral à Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, em busca do minguado Montepio dos Servidores do Estado. As Domingues eram excelentes doceiras, dessas que vão desaparecendo com a tradição da cidade.

Até há pouco tempo, o prédio não havia sofrido qualquer alteração e nêle, muito antes, residiu D. Maria Cecília Pompeu, mãe de Walter Pompeu. Hoje nêle se instala uma casa de móveis.

Nº 1.172 — Atual Centro dos Retalhistas. Sobrado de duas portas e entrada ao lado, com portão de ferro.

Conheci-o habitado pelo Dr. Manuel Moreira da Rocha, grande chefe político do Partido Democrata, a que estava filiada minha família paterna em Mombaça. Seu filho Pekim (Péricles) foi meu bom companheiro de brincadeiras de infância. Os demais filhos do Dr. Moreira da Rocha (Acrísio, Crisanto, Guilardo, etc) foram companheiros de meus irmãos mais velhos.

Quando o Dr. Moreira da Rocha levantou seu belo palacete da praça do Coração de Jesus, hoje ocupado pelo SOS, o Centro dos Retalhistas se instalou no sobrado da rua Barão do Rio Branco, onde ainda se encontra, depois de servir de sede à P. R. E. 9, por pouco tempo.

Nº 1.182 — Prédio térreo de três portas, duas das quais hoje abrigam a Casa Carvalho, que negocia com rádios, enceradeiras, etc. Na outra porta se instalou uma pequena casa de móveis.

Conheci-o alugado à família de João Arruda Câmara, dono da "Loja de Sirgueiro e Alfaiataria Militar", sita à rua Major Facundo, ao tempo n. 83, antiga residência da família do deputado provincial Dr. Clemente Francisco da Silva, hoje com o n. 207 e nela instalada a firma Ribeiro Sousa Ltda., que negocia com tecidos em grosso.

I I

Nº 1.190 — Prédio recentemente reformado, onde se acha a Casa Christmas, especialista em roupas de crianças, abrigada até pouco tempo em casa do quarteirão anterior da mesma rua. Neste local das novas instalações da Casa Christmas havia, há bem pouco tempo, uma casa térrea, estilo beira-e-bica, característico das velhas construções da cidade. Foi não há muito tempo residência de Pedro Menescal. Recentemente adquirida e reformada por um sírio da família Romcy, dono da loja "A Capital", sita na esquina nordeste das ruas Major Facundo com Senador Alencar.

No meu tempo de menino, esta casinha era habitada por José Barbosa Lima (Zizi), irmão de Zuíla Barbosa Lima.

Nº ? — Onde existe o gradil com portão de ferro lateral do Palácio da Justiça, havia um prédio de duas portas, com um mirante, residência de Ulisses Fortaleza, pai de Oto Fortaleza, meu contemporâneo no Liceu do Ceará. Antes de demolido, no govêrno Menezes Pimentel, para possibilitar a entrada lateral do prédio do Tribunal, foi moradia de Eulália Carvalho (D. Lalô), após a mudança de Ulisses Fortaleza para o Rio.

Em certo tempo funcionou ali uma "república" de estudantes, um dos quais é hoje o Dr. Waldemar Alves Pereira, ex-Prefeito de Senador Pompeu e atual Juiz de Direito.

Nº. 1.200 — Palácio da Justiça do Estado. Prédio atual de dois pamentos, com um porão, várias janelas de frente, muitas outras do lado norte e gradil com portão de ferro lateral, funcionando no porão a biblioteca, no pavilhão térreo a 2a. instância com seus órgãos burocráticos e no andar superior a 1a. instância e, até há pouco tempo, os cartórios, hoje em prédio da rua Major Facundo, no quarteirão entre Pedro Pereira e Pedro I.

Antes da última reforma levada a efeito no govêrno Menezes Pimentel, era um prédio de linhas clássicas, cinzento, de um só pavimento, com um porão (motivo por que era elevado, como ainda hoje, de alguns degraus). A sua construção se deveu a Ildefonso Albano, embora haja sido concluído no govêrno do Des. Moreira da Rocha.

Recuando mais no tempo, existia no local uma casa antiga que pertencera ao velho Francisco Rossas, pai do Dr. César Rossas, onde já funcionava o Tribunal, antes de sua demolição por Ilfedonso Albano. Era, segundo se diz, uma casa antiga, recuada, com jardim em frente, onde fôra instalado, antes do Tribunal, o primeiro Grupo Escolar da cidade, sob a direção da ilustre educadora Ana Facó e onde D. Alba Valdez, minha eminente colega do Instituto do Ceará, ensinou.

Nº. 1.212 — Sobradinho de duas portas, que abriga "Novo Continente", crediário de fogões a gás, liquidificadores, fazendas, etc.

Ao meu tempo, era uma casa térrea de duas portas, moradia de Justiniano Pereira, pai de Milton Pereira, meu contemporâneo no Colégio Cearense. Depois foi residência do Dr. José Olímpio, que exerceu o cargo de Diretor das Obras Públicas do Estado, de Jaime Façanha e, mais recentemente, de Fidélis Silva.

Nº. 1.218 — Casa térrea, com uma porta e um janelão, onde se acham, hoje, respectivamente, o escritório de advocacia do Dr. Guilherme Sátiro Rabelo e, sublocada por êste a parte correspondente ao janelão, uma casa de ferro velho.

Antigamente, moravam nesta casa as Arnaud. Depois foi ocupada por D. Maria Cecília Pompeu, mãe de Walter, Juvenal e Leilá Pompeu. É relembrado com carinho o fato de D. Maria Cecília organizar, anualmente, uma "lapinha" em sua casa, tradicional costume que se vem extinguindo entre nós.

Nº 1.224 — Prédio de três pavimentos, recém-levantado, onde se acham abrigadas, no térreo, uma das lojas de Carneiro & Gentil, especialistas em rádios, máquinas de costura, etc.

Em seu local, antigamente se erguia uma casa térrea de três portas com porão e, por isso, levantada de alguns degraus. Residiam nela as "Corujas", protegidas do Dr. Domingos Rodrigues da Silva, vulgo "Coruja", residente um pouco além, como veremos, de quem elas pegaram o apelido, por extensão.

Depois, a casa foi sucessivamente ocupada por Luís Francisco Ribeiro, pai de Vinicius Ribeiro; Adolfo Aguiar, pai de Wilkens e Wilson Aguiar, meus contemporâneos no Liceu, e irmão do acatado filólogo Antônio Martins de Aguiar, meu professor no mesmo Liceu e atual colega do Instituto do Ceará; Luís Gonzaga Furtado, pai de José Eymard e Francisco de Assis de Arruda Furtado, meus colegas de movimentos católicos; meu parente Romero Maravalho, descendente dos Guilherme de Melo que emigraram de Moçoró para o Piauí e de lá vieram se fixar em Redenção, casado com uma moça criada pelo Dr. Domingos Rodrigues da Silva, o "Coruja", como já foi dito, o que nos leva a crer que esta casa era dêle e passou a seus herdeiros; a oficina de marceneiro nela instalada por José Romero Maravalho; e... não sei mais.

Nºs. 1.236 e 1.240 — Hoje duas casas térreas, de duas portas ambas, antigamente formavam uma só casa térrea de quatro portas. Atualmente, na casa n. 1.236 está a Espelhação Nordeste, e na que toma o n. 1.240, a Movelaria Carioca.

No meu tempo de menino, a casa de quatro portas pertencia ao Dr. José Cabral de Melo, da Serra da Aratanha, tio materno da Dra. Henriqueta Galeno. Nela morava Maria do Carmo Cabral Galeno, irmã de Henriqueta, casada com Sebastião Sidou, pais do médico Rafael Sidou, prematuramente falecido em S. Paulo. Sebastião Sidou tinha

um restaurante no local da atual Loja de Variedades, à rua Major Facundo, vizinho ao Cine Moderno, associado a José Jucá, que havia sido gerente do Café Riche, instalado no pavimento térreo da esquina de um velho sobrado em cujo terreno se levanta hoje o "Excelsior Hotel".

Essa casa foi vendida por José Cabral, pouco tempo antes de falecer, a seu vizinho Luís Carvalho, residente duas casas adiante e que possuía, na mesma rua, esquina sudeste de Liberato Barroso, uma sapataria e fábrica de calçados. Luís Carvalho dividiu aquela casa em duas, numa das quais morou, depois, um tio de meu colega Mardônio Botelho, que na qualidade de seu sobrinho nela se hospedou, sendo ocupada a outra casa pela fábrica de bebidas de Adolfo Aguiar, residente na vizinhança, como já vimos. Anos depois, em uma delas montou seu consultório médico o Dr. Florival Seraine, meu atual colega do Instituto do Ceará.

N. 1.244 — Sobradinho de duas portas, onde morava, no meu tempo de menino, o funcionário da Fênix Caixeiral, Domingos Ribeiro. Atualmente reformado, compõe um só conjunto com o antigo sobrado de três portas, hoje n. 1.252. Atualmente, os baixos abrigam a loja "A Decoradora", especializada em modas, tapetes, etc.

Nêle moraram, ainda quando eu residia nesse trecho de rua, meu colega de Liceu, e hoje ilustre agrônomo, Osmar Fontenele, e o próprio Luís Carvalho, já referido, que habitara o sobrado vizinho, antes de breve estada em Parangaba. Foi, igualmente, residência de Geraldina Santos, Rainha dos Estudantes e hoje espôsa do General Alípio dos Santos. Sei, também, que depois êsse sobradinho alojou uma pensão familiar.

Nº 1.248 — Entrada dos altos dos antigos sobrados ns. 1.244 e 1.252. Nêles se instalam, hoje, escritórios de advogacia.

N. 1.252 — Sobrado de três portas, habitado antigamente pelo jornalista H. Firmeza e, a seguir, pelo citado Luís Carvalho. Êste alugou, depois, sua residência a Antero Coelho de Araújo, dono da loja "Centenário', enquanto se transferia para Parangaba. Residiu nêle, durante muitos anos, o então Desembargador e hoje Ministro Abner Vasconcelos, meu ilustre colega do Instituto do Ceará e pai de meu amigo de mocidade Abner Filho. Reformado, conjuntamente com seu vizinho n. 1.244, quando o Des. Abner mudou sua residência para o Rio, a fim de compor o Tribunal de Recursos, seus baixos hoje abrigam a Oficina Zenith, especializada em máquinas de costura, rádios etc.

N. 1.260 — Atualmente um vasto edifício de alguns andares, esquina com a rua Pedro Pereira, pertencente à firma Carneiro & Gentil, em cujos baixos se instala uma de suas lojas. Corresponde a duas velhas casas de três portas, que ali se levantavam. A da esquina era ocupada pela Mercearia Leitão, de José Ferreira Leitão, enquanto a

casa vizinha, mais ao norte, era ocupada pelo barbeiro Manuel Felipe, que reservava uma porta para sua residência e duas para a barbearia.

José Ferreira Leitão resolveu, depois, reformar as duas casas velhas, transformando-as em três de duas portas. Então, a mercearia da esquina passou a chamar-se "Casa Lourdes". A casa do meio abrigou o "Diário do Ceará", de H. Firmeza, onde Ildefonso Albano vinha às tardes e, às vezes, à noite conversar, visitando a seguir seu parente Carlos Amora, pai do Dr. Manuel Albano Amora, a êsse tempo morando em casa fronteiriça. Também visitavam a redação do "Diário", Felino Barroso, pai de Gustavo, e o genitor de um contemporâneo de Liceu (o Fernando Hugo), Alfredo Borges. Nesta casinha, vindo da esquina em frente, depois residiu e manteve sua oficina o sapateiro português *seu* Costa. Na terceira casa de duas portas, instalou-se a Casa Emídio, de Emídio Aires, especializada em móveis, transferida da esquina nordeste de Barão do Rio Branco com Pedro Pereira. Esta casinha, a terceira das três, abrigou depois uma mercearia pertencente a Oliveira Paula, cujos filhos foram meus contemporâneos de Liceu. Mais recentemente, Ciríaco Rôla, leiloeiro, ali teve uma casa de móveis.

III

Tratando do 8º. quarteirão da antiga Rua Formosa, lado do sol, João Nogueira assim se expressou:

"Na esquina, atualmente (1943), o Café *Rio Negro*. Aí também estêve, em tempo, a loja de calçados do português Carvalho.

"Neste quarteirão, em posição aproximadamente fronteira ao Tribunal de Relação, em uma casa de duas portas, denominada *Rocha Negra*, de propriedade de José Correia do Amaral, se reuniam os nove sócios da *Perseverança e Porvir*, fundada em 28 de setembro de 1879. Libertava um ou mais escravos em cada aniversário de sua fundação.

"A *Perseverança e Porvir* gerou a *Cearense Libertadora*, a cujos feitos gloriosos a geração que lhe foi contemporânea e que ora se extingue assistiu para jamais esquecer; e que as futuras recordarão com justo orgulho.

"A casa *Rocha Negra* bem merece dos poderes públicos uma placa comemorativa de sua grande e nobre ação, como bem lembra Alfredo Salgado, talvez o único sobrevivente da gloriosa *Perseverança e Porvir*.

"Nº. 1.229, sobrado que serve de depósito de cigarros *Araken* e outros.

"Seguem-se casas térreas até a esquina da rua Pedro Pereira".

Sòmente isto disse João Nogueira do aludido quarteirão. Tente-

mos acrescentar-lhe algo mais, mesmo porque identificaremos aqui, parece que sem deixar dúvidas à posteridade, qual a casa denominada *Rocha Negra*, de tão gloriosas tradições. João Nogueira, como vimos, dela diz apenas que era "uma casa de duas portas, de propriedade de José Correia do Amaral, em posição aproximadamente fronteira ao Tribunal". Raimundo Girão, em livro sôbre "a Abolição no Ceará", fala no "Castelo da Rocha Negra, dependência da casa de residência do presidente José do Amaral, recentemente edificada (àquela época), na mesma rua Formosa, um quarteirão adiante do prédio onse se instalara". Destarte, há indeterminação dos dois quanto à localização precisa da *Rocha Negra*. Esta funcionou em uma das casas pertencentes a José do Amaral, ambas de duas portas, levantadas em frente ao atual prédio do Tribunal de Justiça, que têm os ns. 1.197 e 1.201. A crer na informação que, ao Dr. Raimundo Girão, prestou D. Abigail Moreira da Rocha, filha do José do Amaral, a casa referida teria hoje o n. 1.197, pois esta era dependência da vizinha, atual n. 1.201, onde residia José do Amaral. Naquela se abrigavam os caixeiros de sua loja comercial, pois era costume nessa época os auxiliares de comércio morarem junto aos patrões. Mas outros fatôres nos levam a crer que a casa em referência é a que tem o n. 1.201. Primeiramente *dependência* não quer dizer, exclusivamente, um anexo, mas pode significar também uma parte integrante, como um quarto, um salão, etc; e a contextura da casa n. 1.201 mostra ainda hoje que nela existia um amplo salão e um sótão onde bem podiam se reunir, por alguns instantes, os sócios da *Perseverança e Porvir*. Depois, a família Marçal Ferreira, que a adquiriu de José do Amaral, sempre assim entendeu. Acresce que um jornal da terra, mais tarde, confirmou em notícia essa tradição oral, segundo nos informou um elemento da referida família Marçal Ferreira. Há ainda a considerar que o sótão da casa hoje n. 1.201 explicaria, até certo ponto, o apelido que lhe foi impôsto de "Castelo da Rocha Negra", conforme se lê nas atas da *Perseverança e Porvir*.

Se os poderes públicos, algum dia, fizerem justiça àqueles idealistas, já sabem onde afixar a placa a que João Nogueira se refere.

Mas continuemos nossa peregrinação por êsse quarteirão da antiga rua Formosa, agora falando das casas do "lado do sol".

Partindo da esquina sudeste da rua Barão do Rio Branco com a rua Liberato Barroso, hoje encontramos ali o prédio circundado pela Galeria Marcílio Viana, cognominada pelo povo de Galeria Branca, por serem pintados a cal as suas paredes. Trata-se de um edifício de dois pavimentos cujos altos são ocupados pelos depósitos das lojas instaladas nos baixos. Na esquina, n. 1.139, instala-se atualmente a Farmácia César Cals. A seguir temos a saída da Galeria Branca para a Rua Barão do Rio Branco e, depois dessa, formando conjunto com o

edifício da esquina, a sede da Cooperativa Banco do Estado do Ceará, cujos altos são alugados a escritórios.

Segue-se um prédio que podíamos dizer de três portas, face à largura, embora só possua uma porta estreita (n. 1.167), que dá entrada para os altos, onde se acha o Laboratório de Pesquisas Médicas do Dr. Washington Barata, e uma bem larga (n. 1.169), onde se instala atualmente a Loja da Borracha.

Até êste ponto do quarteirão será impossível precisar os locais das antigas casas, dado que foram tôdas abaixo para nesses terrenos ser edificado o prédio circundado pela Galeria Branca e seu anexo.

Rememoremos, porém, o que aí existia há anos.

A esquina abrigava a loja de calçados de Luís Carvalho, já referido nesta crônica. Depois alojou vários cafés, como o *Rio Negro*, aludido por João Nogueira, e o *do Forum*, que existiu até a demolição do antigo prédio.

Seguia-se à casa da esquina uma outra de três portas, onde residiu Luís Carvalho, antes de mudar-se para o fim do quarteirão, lado da sombra, como vimos antes. Com essa mudança, Luís Carvalho estabeleceu aí suas oficinas e, com o fechamento de seu negócio, nela residiu a família de meu colega de Liceu, Luís Frota Matos, apelidado Luís Crêspo, hoje advogado no sul do País.

Seguia-se uma casa de quatro ou cinco portas, onde moraram as Pimentéis e, posteriormente, Antônio Rolim e sua mulher, D. Marieta, irmã de Marcílio Viana. Essa casa foi, depois, dividida, instalando-se na parte mais ao sul o Cartório de Wilson Fontenele e, nos fundos, com entrada lateral, o consultório médico do Dr. Amadeu Sá, antes de ser mudado para a preça dos Voluntários. Parte dêsse terreno corresponde à entrada para o Laboratório do Dr. Washington Barata, n. 1.167 atual, que forma um só predio com o de n. 1.169, onde se estabelece a Loja da Borracha.

Nesse trecho, excluída a referida entrada para os altos, existia uma casinha de duas portas, onde residiam as Aratus e, depois, até 1926, a mãe de meu futuro contemporâneo de Liceu e atual colega de Consultoria Jurídica, Dr. João Ribeiro Araripe de Faria. Dêsse tempo em diante, pelo espaço de vinte quatro anos, ali estêve situada a Marmoraria Maia, atualmente na Praça dos Voluntários.

Dêste ponto em diante, será possível discriminar rigorosamente, prédio por prédio, com suas transformações.

Nº. 1.171 — Atual Empório dos Couros. Era antes uma casa de três portas, onde residiam D. Naninha Teófilo e sua filha Emília. Foi, depois, a casa comercial (bebidas) de José Domingues da Silva, que dela ocupava duas portas, restando a terceira para o ambulatório de um enfermeiro moreno, que ali aplicava injeções e fazia curativos de urgência.

Nº. 1.179 — Hoje Edifício Lima, com galeria lateral, por onde se entra para os escritórios dos dois andares superiores, destinados a advogados, representações, etc. Os baixos atualmente abrigam a Varig (Viação Aérea Rio Grande do Sul).

Ao tempo em que habitei essas bandas, era uma "república" de funcionários do Banco do Brasil e, a seguir, a residência de João Evangelista de Lima, pai de Osíris e Hermes Queirós Lima, meus contemporâneos no Liceu. Era uma casa antiga, de três portas, e ainda recordo o receio que eu tinha do velho João Evangelista, que me assombrava com sua barba crescida e seu jeito esquisito.

Nº 1.189 — Atual Edifício Indiana. Nos baixos, a Panair do Brasil. Nos altos escritórios de advogados, consultórios médicos e de dentistas, etc.

Em uma das salas dos altos instalou-se, na década de 1940, o Dr. Mário Barata, não como advogado mas como pintor e principal animador das artes plásticas entre nós. Êsse atelier de Mário Barata era frequentado por muita gente boa da moderna geração de artistas e literatos, entre os quais Antônio Bandeira e Aldemir Martins e os escritores do então nascente Grupo Clã.

Recuando mais no tempo, era uma casa térrea de três portas, residência do Ten. Cel. João Augusto Pereira, ex-comandante do 23º B.C. e pai do Ten. Cel. Oscar Pereira, companheiro de meu irmão Tarciso. Foi, depois de construído o Edifício Indiana, o depósito dos cigarros *Araken*, registrando-se aqui pequeno equívoco de João Nogueira, que fala dêsse depósito como se fôsse instalado no prédio nº. 1.229.

I V

Nº 1.197 — Atual Casa Sousa Matos, instalada em prédio térreo, reformado. Antigamente, casa térrea de duas portas, moradia de D. Marieta Djalma e, muito depois, já casado, do jornalista João Jacques Ferreira Lopes, tendo ali nascido seu primeiro filho, Maurício. João Jacques, ainda menino, morara em outra casa dêsse quarteirão, n. 1.233, conforme veremos.

Essa casa pertencia, como a vizinha (n. 1.201), ao abolicionista José do Amaral, e disputa com esta a glória de ter servido de sede ao chamado *Castelo da Rocha Negra*. Parece, todavia, como vimos antes, que êste se alojou na casa de 1.201.

Nº. 1.201 — Casa térrea de duas portas, hoje, como no meu tempo, residência da família Marçal Ferreira. Afigura-se-me fora de dúvida, como foi dito antes, que nesta casa funcionou a *Rocha Negra*, de tão gloriosas tradições.

Nº 1.209 — Atual prédio reformado que abriga a Casa Rex, especialista em ferragens. Antigamente, casa térrea de duas portas, residência de João Manuel Rodrigues, secretário da Santa Casa.

Nº 1.211 — Hoje, como no meu tempo de menino, casa térrea de duas portas.

Outrora, residência de Luís Cândido Costa, apelidado Luís Coringa, ex-funcionário da Casa Sínger e pai de Luís Cândido Costa Filho, o popular Luísão, Rei Momo das pândegas carnavalescas. Foi depois, por longos anos e até hoje, residência de Manuel Pio de Farias, Diretor Geral da Secretaria do Interior e da Justiça. Atualmente, vive ora aberta ora fechada, conforme seu ocupante esteja na cidade ou na praia do Meireles.

Nº 1.219 — Atual Armazém das Tintas, instalado em prédio térreo, reformado.

Era uma casa térrea, de duas portas, que alojava a oficina de ferreiro de uns tais Fiúzas. Foi depois residência de um sobrinho do romancista Oliveira Paiva, irmão da farmacêutica e poetisa Eva Paiva e pai do professor Noel Paiva.

Reformado para casa comercial, abrigou a loja de couros de meu prezado amigo e colega de movimentos católicos, Florêncio Coelho de Holanda.

Nº 1.221 — Prédio térreo de duas portas, hoje nêle se instala a União Comercial Limitada, secção de tecidos a varejo.

Antes, nêle habitou o grande intelectual, prof. Mozart Pinto, bem como as Corujas, segunda residência sua nesse quarteirão, vindas do prédio 1.224, como vimos antes. Posteriormente, nêle estêve morando Romero Maravalho, vindo também da casa em frente, n. 1.224, quando nesta fêz instalar sua oficina de trabalho, a que nos referimos antes. Mais recentemente, nêle habitou uma irmã do advogado Guilherme Sátiro Rabelo, com escritório em frente, no prédio n. 1.218, como foi dito.

Nº 1.225 — Prédio térreo, reformado, onde hoje se instala a Casa Frate, vendedora de móveis.

Antigamente, casa térrea de duas portas, moradia de D. Libânia, que nela mantinha uma pensão para estudantes, especialmente acadêmicos de Direito. Mais recentemente, ocupou-a a família Rebouças Gondim (viúva e filhos do dr. Joaquim Gondim de Albuquerque Lins), um de cujos rapazes casou-se com uma filha de Manuel Pio de Farias, residente na vizinhança (nº 1.211), e ambos (parece-me que eram apenas dois) meus futuros colegas no CPOR de Fortaleza e alunos na Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará, já quando funcionários do Banco do Brasil. Recordo que pelo menos um dêles aprendia violino, como eu.

Nº 1.229 — Sobradinho que atualmente abriga a loja Odal, especialista em roupas de homem.

Era uma casa de duas portas e de um só pavimento, onde moraram os Silvérios, dois mulatos, um barbeiro, com oficina e armarinho na rua das Trincheiras (Liberato Barroso), e outro funcionário do Telégrafo. Depois essa casa foi ocupada por José Barbosa Lima (Zizi), vindo de uma outra em frente, a de n. 1.190, como já foi referido.

Nº 1.233 — Atual sobrado que abriga a firma Rodrigues e Rodrigues Limitada, especializada em móveis e artigos domésticos.

Antigamente, casa térrea de três portas, onde morou o maestro Henrique Jorge, pai do Dr. Paulo Sarasate e do jornalista João Jacques. Lembro-me bem de ter visto várias vêzes o futuro governador Paulo Sarasate, ainda aluno do Colégio Castelo, a êsse tempo em prédio da praça do Coração de Jesus, passando, de calças curtas e com um tinteiro pendente de uma das mãos, em frente à minha residência. Seu boníssimo irmão Jajá era, a êsse tempo, seminarista na Prainha. Eu bastante mais moço do que ambos, diga-se de passagem, para evitar confusões... Essa casinha foi depois ocupada por João Galeno, irmão da Dra. Henriqueta e da vizinha de frente, Maria do Carmo. Afinal, lembro-me de nela ter residido o protestante Pedro Rocha.

Nº 1.241 — Casa térrea de duas portas. Atual Tipografia Estrêla, de meu amigo Juraci Bezerra.

No meu tempo, habitada pelo dentista Luís Rodrigues de Oliveira, cujo filho Aluísio foi meu contemporâneo do Liceu. Lá se cultivava a música, como era costume àquela época, quando não havia as radiolas de alta fidelidade... O dentista Luís permutou, tempos depois, essa moradia com a de seu parente Heráclito Rodrigues de Oliveira, residente no quarteirão seguinte da mesma rua. Heráclito, seu novo ocupante, era proprietário de uma funilaria e loja de louças denominada Casa São José, então situada na Praça do Ferreira, onde estêve o Ateneu Cearense (esquina nordeste da rua Floriano Peixoto com a rua Pedro Borges). Mais recentemente, foi habitada pela família de Florêncio Coelho de Holanda, cuja casa de comércio ficava nas vizinhanças (n. 1.219, conforme vimos).

Nº 1.247 — Hoje um prédio térreo, reformado, onde se abrigam a Ceará Drogas e Representações S. A. e outras agências.

Era uma casa térrea, de três portas, propriedade de Carlos Albano Amora. Nela residiu, antigamente, D. Adelaide Arnaud de Oliveira e sua irmã D. Olímpia, vindas da casa em frente, nº. 1.218. Eram charadistas e em sua residência reuníam-se os poetas Cruz Filho e Carlyle Martins, o funcionário do Telégrafo Artur Sampaio (filho do Delegado Sampaio, que residira pouco adiante), a espôsa do Deputado Moreira da Rocha (que habitava sobrado fronteiriço, como vimos), etc. Reformada, vieram ocupar essa casa o proprietário Carlos Albano

Amora e sua família, chegados de Parangaba, depois de já terem habitado a vizinha, ao tempo em que existia nesta outra uma dependência destinada à Farmácia Amora, como veremos. Mudando-se Carlos Albano Amora, essa casa n. 1.247 foi ocupada por Olavo Falcão, que depois se mudou para a de n. 1.152, como foi dito. Seguíu-se-lhe seu parente Felipe Santiago, vindo da casa n. 1.146, do mesmo quarteirão, como vimos. Foi depois ocupada pelo Sindicato dos Farmacêuticos.

Nºs. 1.251 e 1.259 — Hoje duas casas térreas de duas portas, constituíram antigamente um só prédio de quatro portas. Creio tratar-se, à semelhança do prédio vizinho n. 1.247, de parte dos imóveis que Manuel Francisco da Silva deixou na rua Formosa a seus descendentes (ramo Albano), conforme consta de seu inventário, sumariado na Revista do Instituto do Ceará, ano de 1945.

Atualmente, na casa n. 1.251 se acha a firma Vasconcelos e Bezerra (representações), que a adquiriu de Teresa Carmen Albano Amora, por sua vez herdeira de sua mãe. Na casa n. 1.259 se acha o Banco da Produção, a êste dada em locação por Gil Albano Amora, que, igualmente, a herdou de sua mãe.

Essa casa de quatro portas foi ocupada por Pedro Araújo Sampaio, o Delegado Sampaio, pai do ilustre facultativo Dr. Pedro Sampaio e de Artur Sampaio, funcionário do Telégrafo e figura popular nas rodas de rapazes das últimas décadas, desaparecido há poucos anos. Em 1923, vindo de Parangaba, passou a habitá-la o Dr. Carlos Albano Amora, filho da então proprietária, D. Maria Albano Amora. Na parte correspondente ao atual prédio n. 1.251 ficava a farmácia, freqüentada por Ildefonso Albano, como foi dito antes, e ainda pelo poeta Júlio Maciel, pelo jornalista Raimundo de Oliveira e Silva, ex-companheiro de Adolfo Caminha na redação de "O Diário", por Francisco Vieira Perdigão, pelo naturalista Dias da Rocha e, menos assìduamente, pelo escritor Rodolfo Teófilo. Nos fundos da farmácia e em tôda a casa vizinha, atual n. 1.259, residia a família, que dela se retirou em 1931, voltando para Parangaba. De lá viria mais uma vez, para ocupar a casa nº 1.247, como já foi visto. D. Amália Albano Amora, espôsa do Dr. Carlos, era das que levantavam, em suas residências, as encantadoras "lapinhas" pelo Natal.

Depois do Carlos Albano Amora, instalaram-se na casa n. 1.251 o Major Manuel Fernandes, fiscal do extinto Colégio Militar; D. Sabina Barbosa Lima, cuja filha Maria Augusta era funcionária do Banco do Brasil; o laboratório de Aluísio Mamede e o Desembargador Luís Gonzaga Bezerra, então juiz de Direito. Quanto à casa nº. 1.259, com a saída de seu proprietário, foi ocupada pelo português Alberto Pereira, gerente da Casa Parente; por Paulino Siqueira Campos, dono do "Peixe Frito", sito na esquina nordeste da rua Floriano Peixoto com a rua Pedro Borges, onde estêve o Ateneu Cearense e a Casa São

José, já referida; pelo Dr. Manuel Albano Amora, já casado; pelo escritório dos irmãos Damasceno e pelo depósito da Livraria Renascença.

Nº. 1.265 — Atualmente, edifício de três pavimentos, em construção. Até bem pouco era um prédio velho, de duas portas para a rua Barão do Rio Branco e muitas para a Pedro Pereira, onde se abrigava a casa comercial de Celso Nunes, gerente da Panair do Brasil, especializada em pneus e acessórios de automóveis.

No meu tempo, Movelaria Emídio, de Emídio Aires, antes de passar para uma casa de duas portas que existia em frente, parte do atual prédio n. 1.260, como já vimos. Depois de vários anos fechado, êste prédio de esquina foi ocupado por "seu" Costa, sapateiro português, vindo do quarteirão seguinte da mesma rua, o qual se passou depois para uma casa de duas portas em frente, conforme dissemos. Mais tarde, foi sede da firma F. Sanford, fabricante de bebidas.

*
* *

Fica, assim, pàlidamente embora, traçada a crônica dêsse quarteirão da antiga rua Formosa, cujos méritos se resumem na tentativa de fixar uma época que está findando com a invasão, pelo comércio em crescimento, de uma zona tìpicamente familiar em pleno coração da cidade. Homenagem nossa ao inesquecível João Nogueira, que a começou, e material para o sociólogo que dêle se queira servir.

(Publicado em "Unitário" de Fortaleza, em dezembro de 1958).